

ALBUM

Director, ARTHUR AZEVEDO.

Publica-se em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 24\$000 por série de 52 numeros, e de 12\$000 por série de 26 numeros. Para os Estados 28\$000 e 13\$000 — Numero avulso 500 réis.

Direcção: RUA DOS OURIVES N. 7, Rio de Janeiro

SUMMARIO

CASSIANO DO NASCIMENTO .	Antonio Azeredo.
CHRONICA FLUMINENSE.	A.
GLORIA!	Cunha Mendes.
O BANHO.	Antonio Pinto.
NOCTIVAGOS.	Joaquim Lamanho.
PAGINA AMOROSA .	Cunha Mendes.
MUSIQUE AU BORD DE LA MER . .	Auguste Dorchain.
ATRAVEZ DE UM LIVRO	Raul Braga.
AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO .	Alfredo Bastos.
THEATROS.	X. Y. Z.

O proximo numero do ALBUM trará o retrato e o esboço biographico do

DR. SILVA ARAUJO

CASSIANO DO NASCIMENTO

Alexandre Cassiano do Nascimento, filho do coronel Manoel Lourenço do Nascimento, nasceu na cidade de Pelotas, estado do Rio Grande do Sul, a 13 de Agosto de 1859. Fez seus estudos propedeuticos no Rio de Janeiro, matriculando-se em 1876 na Faculdade de Direito de S. Paulo, onde lhe foi conferido o gráo de bacharel em sciencias juridicas e sociaes a 4 de novembro de 1880, tendo tido como collegas, entre outros moços distinctos por seus talentos, Santos Werneck, Celso Junior e Bulhões Jardim.

Depois de formado, exerceu por um anno o cargo de promotor publico da comarca do Rio Grande, uma das mais importantes cidades do seu estado, deixando esse cargo para praticar a advocacia na campanha, onde permaneceu dous annos, voltando depois para a sua cidade natal na qual fixou residencia, começando então, com o saudosissimo Alvaro Chaves, a organização do partido republicano n'aquella região.

Durante o tempo decorrido entre 1884 e 1889, consagrou se exclusivamente á propaganda em favor da Republica, fazendo diversas excursões pela

campanha, em cujas cidades e villas organisava conferencias e pronunciava innumeros discursos.

Tornou-se dentro em pouco a alma do seu partido no sul do estado, merecendo ser escolhido, em 1884, para candidato republicano a um logar na assembleia de sua terra, não conseguindo, entretanto, ser eleito.

Proclamada a Republica, com tanta habilidade dirigio as coisas politicas do seu municipio, que tornou o partido republicano invencivel n'essa circumscipção, exactamente onde os partidos monarchicos eram mais poderosos. Naturalmente indicado para fazer parte dos representantes que o Rio Grande devia enviar ao Congresso Constituinte, foi eleito por trinta e cinco mil votos.

Passou quasi despercebido durante a Constituinte, na qual a bancada rio-grandense era dirigida pelo glorioso chefe Julio de Castilhos, e na primeira sessão da legislatura ordinaria, quando dissolvido o Congresso a 3 de novembro, foi do numero dos protestantes contra o acto dictatorial do golpe de estado.

Restaurado o Congresso pela revolução de '23 e convocado extraordinariamente, deram-se as deposições de governadores e, apparecendo o celebre projecto dos 21, rompeu o debate, proferindo então um excellento discurso em que principalmente verberava o procedimento da politica dominante em sua terra e declarava-se solidario com o seu partido fóra das posições officiaes no Rio Grande do Sul.

Durante as férias parlamentares deixou-se ficar no Rio de Janeiro e aqui tratou de organizar a opposição parlamentar ao governo do marechal Floriano Peixoto, fazendo reuniões politicas em casa de sua residencia e preparando os elementos de combate.

Activo, habil e intelligente, tendo um partido forte que o apoiava no Sul, confiante na força dos seus amigos e na restauração, portanto, do governo republicano deposto em seu estado, o Dr. Cassiano do Nascimento foi escolhido pelos collegas para seu *leader* na Camara dos Deputados, em cuja posição se conduziu inquestionavelmente com habilidade,

até á votação da amnistia em que a opposição se desgovernou completamente.

Tendo se dado já no Sul a elevação do partido republicano ao poder pela reposição do seu illustre presidente, com o qual o Sr. Cassiano do Nascimento foi sempre incondicionalmente solidario, e a cuja politica o governo do honrado marechal Floriano Peixoto estava prestando franco e decidido apoio, o *leader* da opposição parlamentar, sentindo-se impotente diante dos seus compariheiros de combate que não podiam em seus estados agir como houvera feito o partido republicano do Sul, vio-se na contingencia de abandonal-os e ir tomar assento na bancada governamental, principalmente depois do dia em que o amor e a dedicação á causa do seu partido lhe fizeram tomar a palavra para defender o chefe do Estado, a quem havia por vezes atacado, contra as aggressões dos partidarios da politica adversa do Rio Grande.

A revolta de 6 de Setembro encontrou-o francamente ao lado do governo do marechal Floriano Peixoto, do qual mais tarde teve de fazer parte e em momento bem difficil e critico da nossa vida politica, pois a revolução estava em seu periodo mais agudo e aceitar então uma pasta não era serviço de pouca monta á Republica, tanto mais a das relações exteriores, por onde passavam então mil reclamações de toda ordem e mil difficuldades havia que resolver.

Como se houve naquella epoca e se tem havido n'estes ultimos dias, em que as questões diplomaticas têm sido realmente milindrosas—nós o sabemos em parte, cabendo ao futuro dizer-nos a respeito do todo.

Como se não fosse bastante a pasta das relações exteriores n'uma situação como esta, o marechal accumulou-o com a pasta da justiça e negocios interiores, e elle desenvolveu a maior actividade possivel para dar conta dos seus affazeres administrativos e politicos.

O Dr. Cassiano do Nascimento é uma esperança da Republica e um elemento de força do partido republicano no Rio Grande do Sul.

ANTONIO AZEREDO.

CHRONICA FLUMINENSE

Os revoltosos de 6 de Setembro, que se acham abrigados á sombra da bandeira argentina, vão caminhando de ridiculo em ridiculo, até um dia desaparecerem de todo no sorvedouro voraz da indifferença publica.

Tem graça a declaração do Sr. Custodio Mello de que não deporia as armas se a Republica Ar-

gentina lhe podesse emprestar não sei quantos encouraçados e torpedeiras!

Ignoro se o famigerado heróe dos torres do *Aquidaban* chegou a fazer alguma tentativa para conseguir esse emprestimo... Capaz d'isso era elle!

O outro, o Sr. Saldanha da Gama, declara que vae para Portugal trabalhar pela restauração do imperio do Brasil, e naturalmente conta para isso com o auxilio dos nossos irmãos de além-mar.

O sinistro aventureiro da ilha das Cobras só pretende voltar ao Rio de Janeiro trazendo consigo a princeza D. Izabel, o conde d'Eu, os principes D. Pedro, D. Augusto, D. Antonio, D. José, etc.

Desembarcarão todos alegremente alli no Pharo, e se encaminharão para o velho palacio de D. João VI, maxixando ao som da *Zamacueca*, executada no violino pelo *maestro* José White, que naturalmente fará parte da imperial comitiva.

N'esse tempo uma commissão de mergulhadores será mandada ao fundo da bahia procurar a famosa espada que o Sr. Saldanha da Gama atirou aos peixinhos, e que, como a taça do rei de Thule, encontrará talvez um Goethe, que lhe dê as honras de uma balada.

Como é divertida toda essa gente!...

*

Escrevo esta chronica ao som das festas que se fazem para commemorar o sexto anniversario da expiadora lei que abolio a escravidão no Brasil, e foi o glorioso inicio d'esta Republica serena e forte, defendida heroicamente pelo braço musculoso de Floriano Peixoto e consolidada pelo sangue generoso de tantos bravos que tiveram a invejavel fortuna de morrer pela Patria Brasileira.

Emquanto a população se enthusiasma e se diverte, eu, morto por me achar tambem nas ruas e tomar parte no rigosijo geral, percorro apressadamente as notas dos ultimos acontecimentos, e alinhavo esta chronica fugitiva.

Infelizmente essas notas não me deparam assumptos interessantes...

E' verdade que n'estes ultimos dias tem havido de tudo, inclusive a morte de um *clown*, e não ha para um chronista assumpto mais suggestivo e que mais se preste a um pouco de philosophia amavel, do que a morte de um *clown*. Mas... para que tristezas?

*

Esse pobre *clown* trabalhava n'um theatro transformado em circo de cavallinhos, emquanto Furtado Coelho, o legendario artista, reaparecia ao publico fluminense n'um circo de cavallinhos transformado em theatro!

D'essa barraca sahio o insigne artista, a quem a nossa platéia deve tão deliciosas noites, e veio queixar-se pela imprensa de que a empreza do Polytheama lhe ficára a dever uns cobres...

Hoje está aboletado no Lucinda — um theatri-
nho que lhe deve trazer doces e ao mesmo tempo
amargas recordações —, e figura n'uma peça de
especulação, que se intitula a *Victoria do ma-
rechal*.

Não sei o que seja mais triste, se a morte de
Bozan, o *clown*, se as condescendências de Fur-
tado Coelho, o artista dramático.

*

N'um periodico litterario como o *Album* imper-
doavel seria a falta de uma referencia qualquer ao
contracto que acaba de ser celebrado entre o insi-
gne escriptor Coelho Netto e o editor Domingos de
Magalhães.

O autor da *Capital Federal* obrigou-se a ceder
ao editor, durante cinco annos, o direito de publicar
os seus livros, mediante um ordenado mensal.

Esse contracto é, como se vê, a inauguração de
novos costumes no nosso meio litterario, e um
grande passo dado para o reconhecimento da litte-
ratura como profissão estabelecida e sujeita a im-
postos administrativos.

Não é tudo, mas é alguma coisa. O Sr. Domín-
gos de Magalhães tem o grande merito de compre-
hender e tomar a sério a sua missão de editor.
Il faut commencer pour finir

Alencar ou Macedo que propuzessem um con-
tracto d'esses ao Garnier! O velho editor seria
capaz de agarrar-se á burra, gritando:

— Aqui d'el-rei, que me querem roubar!...

A.

GLORIA !

Toda cheia de amor, minh'alma canta e exalça
A belleza immortal que em teu corpo realça
N'um eterno esplendor de fulvo sol de Outubro
E na gloria eternal d'um estandarte rubro!

Gloria á Materia! Gloria á tua belleza! Alça
Tua frente e a rosea carne, aromada de balsa,
Chalre um hymno triumphal como o estandarte rubro
N'um eterno esplendor de fulvo sol de Outubro!

Crava-me o teu olhar que estas veias escalda!
Sobre o marmore da espada os cabellos desfralda,
Na irradiação febril de uma voluptia etherea.

E átomo, germen, pó, individuo, astro, mundo,
— O Universo assombrado entõe o hymno profundo:
Gloria ao Bello immortal, gloria á immortal Materia

CUNHA MENDES.

Rio, Maio, 1894.

O BANHO

A ARTHUR AZEVEDO

Plena manhan de Abril.

No oriente, o sol apparecia lento e vagaroso.

Pela floresta afóra, os passarinhos em festa en-
toavam estridulos madrigaes.

A campina em flor, varrida pela brisa matinal,
impregnava o ar de perfumes inebriantes.

Das folhas das ramalhudas figueiras despren-
diam-se pequeninas gotias de orvalho, com scintil-
lações de brilhante, que o areal argenteo ia sorvendo
sem pena.

Por sobre macio leito cercado de bellas orchidéas,
tocado pelos raios vibrantes do sol, o Paralyba
deslisava sereno, imperturbavel, como uma enorme
serpente de topasio.

A natureza sorria. De pé, envolta em longo
roupão de flanela clara que lhe escondia os divinaes
encantos, Olga sorria tambem.

Perto, um canario da terra espanejou as azas e
soltou um gorgeio alegre.

A moça estremeceu.

Subito, na curva do caminho, o vulto gracioso
de Aïda se mostrou sorrindo; Olga divisou-o, e de
seus labios purpureos rolou então um sorriso de
alegria.

Momentos depois, uma suave cavatina de beijos
interrompia o pipilar das aves e a musica monotona
das aguas.

No firmamento azul, limpo de nuvens, o sol se
mostrava inteiro, acalentando as tremulas searas.

Uma atmospherá tepida envolvia o espaço.

A natureza sorria.

Nuas, inteiramente nuas, como duas estatuas de
alabastro, tranças ao vento, mãos estrelaçadas,
Olga e Aïda sorriam tambem.

Além, duas juritys faceiras, como um casal de
noivos, arrulavam amores, debicando areia.

As moças contemplaram o quadro, coraram e
saltaram n'agua...

Um raio de sol indiscreto, coado pela folhagem
espessa, bateu em cheio no rosto de Olga, escal-
dando-lhe as retinas; a moça cerrou as palpebras,
entreabrió os labios e n'um amollecimento dengoso
cahió nos braços de Aïda.

Depois, unidas, muito unidas n'um estreito abraço,
labios collados n'um eterno beijo, ebrias de gozo, as
duas moças lá foram, rolando, rolando, até desap-
parecer na curva graciosa do rio.

ANTONIO PINTO.

Minas, Abril de 1894.

NOCTIVAGOS

Aves nocturnas, cantae!
A vossa triste toada,
E' como a canção magoada
Da filha que não tem pae.

Pela terra e pelo espaço,
Branqueia a luz do luar . .
Céde á fadiga, ao cansaço,
O rouco bramir do mar

Somente, — orchestra incessante,
Fica o concerto que é vosso,
Trilando de instante a instante,
Echoando de fosso em fosso.

Hoje, que por fado tendes
Cantar da noite os horrores,
E os brancos, tredos duendes,
Das nevoas entre os vapores,

Talvez, quem sabe se outr'ora,
— Insontes, ledos cantores
Em vez de cantar negroses
Não cantastes para a aurora?

Aproveitae este ensejo
Do luar entre os palmares,
E a cavatina do beijo
Da brisa que affaga os mares,

Para inspirardes a nota,
A volata mais sentida,
Da nossa magoa ignota,
Tão triste e tão mal contida .

— Vêde o conluio do amor
Que vae pelo valle abrupto,
Do germen que gera a flor,
Da flor de que nasce o fructo...

E a lascivia dos insectos
Nos entreabertos botões,
E sobre os paúes infectos
Das larvas os turbilhões...

Alheias á festa innata
No coração dos viventes,
Só vós cantaes a volata,
A nenia dos descontentes!

E quando a aurora se esboça
Por entre as galas do dia,
Ai! que triste sina a vossa:
— Fugís, de horror e agonia...

Então nas palmas frondosas
Do coqueiral que balança
Perpassa o aroma das rosas
Nas azas da brisa mansa.

E fogem de vós, rufando
As pandas plumas gazis,
Das pombas o grato bando
E um grupo de colibris...

Ai! que triste sina a vossa,
Aves que á noite cantaes!
— Cantando de choça em choça
As nenas dos funeraes.

JOAQUIM LAMANHO.

PAGINA AMOROSA

Ao fitar a luz suave e divina de seus olhos apaixonados—ó Vesper! que o teu fulgor celebrado em versos d'ouro pareceu-me sem attractivos!—ao velar approximar-se, n'um jogar leve e ondulado de quadris—frageis bellezas que me pareceram as outras mulheres!—ao sorver os raros perfumes de seus cabellos assetinados—expirae, desapparecei da terra, ó jasmims graciosos, ó flores delicadas!—choques de pilhas electricas, choques sem energia, que o vosso contacto seria irrisorio, se eu o comparasse ao de sua mãosinha rosea e adoravel!—seccae, em-murchecei, cahi das arvores, ó fructos, que não tendes o sabor dos seus beijos febris e mortaes!

Para que lembrar os trinados das aves e comparral-os á voz de minha adorada, se mais que fartos de harmonias são estes fugitivos trinados?!

Nuvens avermelhadas do sol, nuvens coradas de luz crepuscular, occaso em sangue, inutilmente vos vejo, que nem de leve recordaes os tons erradios de pejo, esbatidos nas radiosas faces de meu amor, n'esta hora ideal de fugitivas illusões!

Talvez, fragil botão de rosa que estaes a scismar defronte de mim, talvez eu podesse comparar-vos aos setineos e delicados botões de seus formosos e tentadores seios—ah! mas a comparação seria tão falsa, tão enganosa, quanto o nosso olhar admirar o azul claro e tranquillo das aguas de um lago, sem nos lembrarmos do retratado—o azul sereno e claro do céu...

Não vos approximeis de minha penna, d'este aço delgado a correr sobre a azulina estrada de successivas linhas rectas, ó recordações de auroras saturadas de cheiros selvagens, não vos approximeis! que jamais ella repetiria esta trivialidade horrorosa de assemelhar-vos ao sorriso da unica mulher adoravel—sim! tão adoravel quanto infeliz, a errar sobre o miseravel mundo!

E tentareis, embalde, deixar em vosso logar—essa evocação tristissima de um nenuphar branco abandonado á margem de um lago para ser comparado ao isolamento d'essa consagrada ao meu supremo culto—á latria!—tental-o-eis, embalde, que a hu-



Phototypia J. Gutierrez.

DR. CASSIANO DO NASCIMENTO

mildade afflictiva de um nenuphar ultrajaria a altivez dolorosa de minha amada !

— Para consolal-a ? Inuteis que sois vós, fugitivas sombras de mulheres cujos sorrisos doem mais que punhaladas...

Para que vos aproximaes ? Inuteis esforços, os de consolar os martyrios d'esta delicada enferma, trancada em seus vastos mysterios, separada do mundo, bella na altivez de sua magua, a unica mulher fiel que ha sobre a terra, a unica adorada, — a unica, ouvi ! que por mim se sacrifica...

*

O', immortal Psyché, ó compassiva, immaculada e incomprehendida Psyché !

CUNHA MENDES.

Rio, Abril, 1894.

MUSIQUE AU BORD DE LA MER

Un soir, un soir d'été calme et propice au rêve,
Nous nous étions ensemble assis près de la grève.
Une ineffable paix tombait des cieux en nous,
Et, nous tenant les mains, unissant nos genoux,
Nous écoutions la plainte à peine saisissable
Des vagues qui là-bas se mouraient sur le sable.
— Tout à coup, dans la nuit, un violon lointain
Chanta. Ce chant vers nous flottait, comme incertain,
Mais si mélancolique et si beau qu'à l'entendre
On s'étreignait plus fort, on se sentait plus tendre.
On eût crû des baisers, des soupirs, des adieux...
Et nos rêves suivaient l'archet mélodieux.

« Ah! tristes, chantait-il, sont les roses fanées!
Tristes, les jours perdus et les nuits profanées,
Les amours qu'un matin suffit à défleurer!
Tristes, la source impure et qu'on ne peut tarir,
La beauté que le temps inexorable emporte
Et la virginité du cœur flétrie et morte!...
— Mais douces sont les fleurs et douces les amours
Qui naissent dès l'aurore et qui durent toujours!
Beaux, les nobles amants qui, sans crainte ni doute,
Vers le même sommet ont pris la même route,
Dont le fier idéal n'est jamais abattu,
Qui sentent leur amour pareil à la vertu,
Et dont le cœur d'enfant peut se montrer sans voiles,
Profond comme la mer, pur comme les étoiles! »

Ainsi le violon, sous le clair firmament,
Auprès des flots chantait harmonieusement;
Puis s'assombrit le ciel et se tut la musique...
Et nous pleurions d'avoir, en cet instant magique,
Gouté, dans un accord grave et délicieux,
L'infini de l'amour, de la mer et des cieux.

AUGUSTE DORCHAIN.

ATRAVEZ DE UM LIVRO

« Chovia! como eu me senti feliz! poderia ficar em casa, emfim! . Chovia! a semana, mesmo, se estenderia assim, quem sabe!... eu não seria obrigado a sahir, a fallar, a rir... Todo meu, todo meu! a um canto, as vidraças descidas, um livro ás mãos, sosinho!...

Uma alegria immensa me encheu o coração, ao abrir as largas portas da janella. O céu, ennevoado, não mostrava uma nesga azul, sequer; sobre a terra encharcada, coberta de poças, uma chuva finissima cahia, continua; de certo, duraria o dia inteiro, — toda a semana, talvez...

Na cama ainda, o lençole e a grossa coberta de lan puxados até ao queixo, eu ouvira o temporal desabar, no despertar brusco de um sonho. E dissera comnigo: até que emfim!... Eu já estava cansado d'esses dias de sol que nos põem para fóra de casa, n'uma necessidade de andar, correr, tagarellar horas inteiras, rir largamente, fazer todas as loucuras!... Um dia sombrio, emfim! o conchego do quarto cerrado á humidade e ao frio, o conchego de um aposento quente, quasi quente; a alma como que mais concentrada, como que mais reflectida, desde-nhosa de todos e de tudo, tranquilla e triste; pensar, sonhar... não ver ninguem, não ouvir ninguem...

Não sei se outros... se alguém, ao menos, o sente... Que importa! essa melancolia mesmo que dir-se-á nos empresta a atmospheria tristonha, é para mim, então, uma felicidade. Sinto uma vontade de ser infeliz, de ter que lamentar alguma coisa... A alegria, a ambição, o amor... tudo o que, nos dias cantantes de luz, me embriaga, como me parece agora estúpido e indigno!... Ler! sim, parece que comprehendendo melhor o que leio, se é a historia de uma angustia, ainda mais, a que esse livro me conta!... a felicidade, o que vulgarmente se chama a felicidade, como eu a acho falsa! como eu tenho piedade d'esses que se dizem, que se julgam felizes, assim!...

Pela manhan, quando chego á janella, apenas me ergo do leito, e vejo todo o céu azul e o sol que apparece, glorioso, — afigura-se-me que o mundo é povoado somente de bons e de santos, que não existe a maldade, que ninguem soffre, que não existe a dor e a infamia; esqueço tudo o que me abate o espirito e me confrange o coração: essa dor que me pungia, — eu não sei!... eu não me lembro d'ella!... E' tão puro o ar que respiro; a viração que me afaga é tão doce!... Como crer no mal, como comprehendere que elle existe?...

N'estes dias, porém, outra sensação me toma: ser infeliz é que é felicidade; como é bom chorar! chorar, sem motivo, mesmo, — sem se saber porque, mas certos de que ha uma razão para a lagrima... Eu devo ter um grande desgosto!

é porque não me lembro; eu devo ter qualquer coisa que me amargure muito: só existe a magoa no mundo... como é que sou tão infeliz assim que não deva chorar também!...

Chovia! eu podia ficar em casa, emfim! ler, pensar, não fallar, estar só, todo meu!...

O criado entrou, a trazer-me o café. — «Eu não sahiria, disse-lhe; enquanto almoçasse, queria tudo arrumado». Esse dia, eu consagrava-o ao meu espirito, ás minhas recordações, ao meu coração, aos meus nervos; não queria saber de mais nada: pensar, ler, sonhar, tão somente!...

Ler!... mas que eu leria?!... Um romance, eu preferia um romance. Um romance, porém, em que houvesse um soffrimento muito grande, raro... em que o auctor analysasse uma dor muito fina, muito occulta, — que nem todos veem, que nem todos podem ver; magoas que o orgulho manda calar, o desespero de um amor tralido, de um amor ignorado, de um amor a que a morte roubou um coração; de um amor que se não satisfaz com aquelle que lhe dão em troca, porque o acha pequeno, inferior ao seu; de um amor que não tem confiança em outro...

Maupassant escreveu alguns tão verdadeiros e tristes!... «Fort comme la mort...» Notre cœur... Olivier Bertin... André Mariolle...

Ainda uma vez eu os leria... Não, agora... Antes, eu leria esse outro que ali estava, ainda á espera de que eu o abrisse, de que eu o percorresse todo com os olhos...

Tão velho, entretanto! o dorso espedaçado; a eapa manchada do calor de muitas mãos, umas hoje desaparecidas ou mortas, outras já enrugadas e tremulas; as paginas cheias de nodos escuras, nodos cor de ferrugem... do tempo...

Tomei-o do sobre a mesa, folheei-o: um cheiro exquisito desprende-se das folhas; um cheiro de velhice, de calor morto, do calor dos dedos que o tocaram: um cheiro de carinho, de um carinho que o guardou longos tempos ao fundo de uma gaveta, para, um dia, tiral-o, a recordar uma pagina, um episodio, que ficou agradavelmente no espirito e que a memoria, perfida, quer já esquecer. Fallou-se n'elle a todos os amigos, emprestou-se lo a todos que pediram um livro para ler. Quando voltava de alguém, mais velho, mais usado, dobrada a ponta de uma folha, solta outra folha, com uma nodoa, roto—zaugámo-nos, protestámos não emprestal-o mais, nem outros livros; mas, uma tarde, salta-nos a conversação para os romances, ha alguém que não conhece esse que tantas delicias nos deu, e nós lh'o citamos, acabamos por emprestal-o de novo...

Vem, em seguida, o interesse pelas impressões que esse alguém sentirá ao lel-o; como que outra vez as gosamos, as nossas, — essas, sabendo-as, agradaveis, sem duvida...

Era um romance antigo; o auctor naturalmente modesto, não se atrevera a assignar o seu nome. Emprestarta-m'o a velha senhora que, já havia

tempos, m'o promettêra... Oh! que delicias elle não deve ter dad'o á sua alma simples de mulhier de outras epochas!... Entre uma folha e outra, lendo trechos ao acaso, flores seccas vou encontrando: amores perfectos, jasmins... Bem ternas, bem doces, devem ter sido as impressões que este livro causou, para que o enchessem assim de perfumes, para que d'estes o buscassem impregnar, para que lhe dessem a aspirar esse inebriante halito de flores... Dir-se-ão as notas que lhe foram lançando á margem, notas bem finas: perfumes, as que melhor explicassem as sensações, os sentimentos, as ideias, que accordou, que inspirou... Foi o perfume que essas paginas, os seus episodios, as suas meigas palavras, desprendem, dir-se-á, que quizeram notar...

Todo o dia, eu não saio... Junto á janella, olhando fóra de quando em quando, a chuva que cae como uma poeira, dando uma tristeza á paisagem, sob o nublado inclemente do céo, — todo o dia, eu não saio... Como é simples essa historia, no entanto: velha historia de amores!

Ella seduz-me, porém, ella conquista-me, não obstante, por essa doce simplicidade, mesmo... Volto, parece-me, ao paiz amigo e bom de que me apartei, um dia, para viver; á doce aldeia de que sahi, um dia, para seguir para o mundo, eu volto, emfim... Velho, gasto o coração, a alma cansada nas amarguras e miserias da vida, volto (parece-me) á infancia, á idade, gazil em que se sonha e se ama apenas; ao alegre lar campesino em que as horas correm suaves, alegres e simples, — em que, para ser feliz, basta tão pouco, — em que não ha a temer inimigos, nem traições; — ao doce canto da terra que outr'ora julgámos possivel e em que dir-se-á vivemos uma hora...

A heroína, Beatriz (chamava-se Beatriz! que de noites não sonhei este nome para o meu amor!)... a heroína, a mais bella meça do logar em que se passa o romance, a mais nobre e a mais rica também, ama um joveu tão formoso como ella, mas pobre e de origem plebeia...

Os paes, velhos fidalgos de provincia, anchos de seus pergaminhos, esse casamento com bons olhos não veem, attenta a condição modesta do mancebo. Ha uma lucta tremenda de amor e sacrificios; outro alvitre não havia; fogem, vão para longe, bem longe; a dor, a miseria, os perseguem — que vale isto? elles se amam, elles se julgam felizes...

Fechei o livro e puz-me a pensar. D. Margarida... este nome acudio-me ao espirito... D. Margarida, a velha senhora que me emprestára esse livro... D. Margarida, quando eu a conhecêra, já passára, ha muito, da mocidade; eu sabia, comtudo, de toda a sua vida, atravez das longas palestras em derredor da mesa, ou a um canto da sala, em casa de meus paes. E havia um contraste entre a sua historia de moça e aquelle romance...

Ella nunca fóra bonita; a sua familia era uma

familia obscura. Duas irmãs haviam-se casado, apenas pelos seus encantos.

A Margarida ficaria para tia, dizia-lhe o pae, zombando... Oh! como esse coração de mulher devêra soffrer com essas palavras!... Ninguém a quereria; nunca ouviria de labios de homem as phrases ternas e ardentes da paixão; só, toda a vida sem quem a estreitasse ao peito, aquecendo-a, cobrindo-lhe as faces de beijos! Solteira! deve ser esta a maior dor que uma mulher possa soffrer; solteira! — não é bella, não tem attractivos, ninguém a quer... não equivale isto a um desprezo?!... As outras passam, amadas: olhos as seguem, quentes de desejo; palavras murmuram-lhes aos ouvidos, palavras meigas, de certo...

Ella, a pobre, nunca será seguida por esses olhares, nunca ouvirá essas palavras!... Para que foi, então, que nasceu?!...

Amar, ser amada, ser esposa, ser mãe .. nunca o será... Para que foi, então, que nasceu?! para que é, então, que vive?!...

Um momento, entretanto, pareceu-lhe que o seu sonho se realisaria, emfim. Um homem a pedira em casamento: o pae, por essa época, possuía alguma fortuna; comprehenderia ella o motivo porque alguém apparecia, emfim, que a desejasse para esposa?!... Que importa! ella ia casar-se, ella ia casar-se tambem!... Começou-se o enxoval; mareou-se o dia da cerimonia...

Pobre! o pae fallio, por essa occasião: o noivo desapareceu...

Ah! era o seu dinheiro! devia confessal-o agora. Marido, ella só o podia ter assim: comprando-o; não tinha belleza, não era rica — ao menos... como se casaria?!... Que loucura fôra essa de julgar que um conquistaria, tambem, por si mesma, como outras!... a Margarida ficaria para tia, dizia-lhe o pae, zombando, mas dissera uma verdade; ella ficaria para tia...

Com que magoa não leria, pois, essas paginas!... A felicidade que de certo sonhára, episodio por episodio desenrolava-se-lhe ante os olhos, e ella não a teria, não a teria nunca!... Oh! como devêra ter tido odio a essa mulher tão feliz na sua lucta, como ella jamais o seria!... Amava, era amada, que importava o resto! — com que coragem, com que immensa esperanza, não luctaria, amparada por esse peito amigo, sabendo ser amada como amava!...

Mas tambem, reflecti, essa historia devia ser um consolo para sua alma, hoje então que a velhice lhe acalmára o sangue. Ella não teria, ella não tinha, ella não conhecia, essa ventura, por havel-a fruido, mas via-a, mas assistia a ella, aprendia uma por uma as delicias todas que se experimentam quando a paixão nos subjuga, os sentimentos que se desdobram n'esse delicioso capitulo da vida, e poderia imaginal-a, como se se tivessem dado, como se se dessem ainda comsigo — um consolo isto — ao menos...

A's vezes, lagrimas lhe roliariam das palpebras, mas que mal nisso havia; se esse proprio pranto era um goso!... E, ante uma pagina aberta a esmo, a minha imaginação devaneava, queria ver signaes d'esse pranto nas manchas escuras, cor de ferrugem de que o tempo havia encluido todo o volume, e como que n'esse perfume morto de flores seccas, eu aspirava um doce aroma de lagrimas... »

RAUL BRAGA.

Recebemos os primeiros numeros do *Diario da tarde*, excellente folha cuja publicação começou em Juiz de Fóra.

Recebemos tambem a *Gazeta postal*, a *Folha*, d'esta capital, e a *Folha*, de Barbacena, o *Diario de Campinas*, *Minas Gerais*, o *Oeste de S. Paulo*, a *Gazeta de Ubá*, *Monitor Campista*, o *Guarany*, o *Cosmopolita*, a *Gazeta de Petropolis*, a *Revista de educação e ensino*, do Pará, etc.

AMOR DE PRIMAVERA E AMOR DE OUTOMNO

(TIPOS DE MULHERES)

XIII

(Continuação)

Havia uma grande duvida no espirito da moça, desde que se expandira o sentimento de Dolores, por demais significativo para qualquer pessoa, que se houvesse dado ao trabalho de estudar o procedimento da esposa do coronel.

Lucio, que, a alguns camarotes de distancia, assistia ao seu triumpho, volvia, de quando em quando, olhares interrogativos para o grupo da familia Blanco.

— Indifferente! — dizia comsigo, observando a indifferença com que Carmen voltava a espadua para o palco.

Já o mesmo se não passava com o coronel nem com Dolores.

N'um d'esses momentos, Blanco deu pela presença de Lucio e saudou-o significativamente.

E, sem interromper a manifestação, chamou Dolores.

— Alli se acha o doutor! — disse para a esposa.

Não se fez esperar; orientou o olhar e repetio o mesmo signal de applauso. Lucio agradeceu friamente, retirando-se logo do camarote, tal fôra o abalo que soffrera o seu amor proprio de escriptor.

— Ignorante! — murmurou. Esta mulher ainda ousa agradecer-me um trabalho que foi todo uma

profunda lição de moral. Não me comprehendeu. Escrevi para que lhe servisse de exemplo, e retribue-me com um sorriso. Podia vencer, desde o momento em que me odiasse! E assim não foi, assim não ha de ser; querer-me-á ainda mais. O seu entusiasmo é a opposição; é a continuação do equivoco, em que se deixou ficar essa outra mulher, por quem verdadeiramente senti abalar-se-me a alma.

Lucio passeava pelo corredor, ouvindo as ultimas salvas do applauso.

— Irei amanha á casa do coronel Blanco, — disse, sem deter os passos. Irei até lá e farei Carmen sabedora de tudo quanto se passa, embora tenha de accusar Dolores, perante sua propria filha. — Falla-se nos amores de Guilherme...

O doutor sorriu com ares de despreso e murmurou entre dentes, de modo sarcástico:

— Formidavel rival!...

Deu ainda alguns passos.

— Amanhan, — pensou — é um dia de conveniencia para um autor visitar a pretendida. Os dias consecutivos ao do triumpho são os de admiração. Eu despresarei a *publica*, por que sou um auctor... *anonymo*; aceitarei o applauso de um sorriso de Carmen! Amanhan!

E n'isto, chegaram aos ouvidos do doutor algumas palavras que o impressionaram.

— O auctor!... bradava a plateia, como que em delirio.

— O auctor! repetiam do *paraizo*, ao mesmo tempo que acompanhavam com o rufo exigente dos tacões dos botins sobre o soalho.

— O auctor! — pediam sempre.

A curiosidade impellio-o até o camarote.

Carmen procurava alguém que não poderia ser senão Lucio. Não era entretanto assim. A pessoa que seu olhar buscava era Guilherme Tosti.

Passava por tantas cambiantes de sentimento, que cahia-lhe o corpo como que em torpor e cansaço de ebrio.

E' que em verdade o amor de filha e o amor profundo de mulher embriagavam-n'a, deixando-lhe em vacillação o espirito.

Ella bem víra o gesto de Dolores, applaudindo o doutor, e ainda mais se lhe revoltára o amor proprio.

Lucio dissera comsigo — Ignorante.

Carmen pensava com certa hesitação, ora acreditando no grande despreso que sua mãe dispensava ao procedimento de Lucio, ora suppondo-a simplesmente ingenua.

Esta palavra *ingenua* correspondia á *ignorante* pronunciada por Lucio.

— E Guilherme? — interrogava ella, passeando a vista por sobre a cabeça dos espectadores.

— O auctor! — bradava a plateia com toda a exigencia.

Foi um quarto de hora verdadeiramente solemne. A revolução do entusiasmo assemelha-se á do odio. Tem exhalações e gritos. Ha, todavia, entre

as duas, uma enorme distancia. Uma tem a exigencia da morte, e a outra a da vida.

— Morre! — diz aquella.

— Vive! — diz esta.

A' ultima das manifestações da plateia, e, como antes fôra convencionado, appareceu no palco e adiantando-se para a rampa um d'esses vulgares mesires de cerimonia, que nos theatros se encarregam de vir fazer curvaturas de dorso, pedir clemencia e participar o nascimento extemporaneo dos *pigarros* dos cantores.

— O auctor! — repetiam os espectadores.

A um gesto do mestre de cerimonia serenaram os animos.

Houve o que se póde chamar verdadeiramente *profundo silencio*.

— Um dos orientaes illustres — disse em alta voz — o doutor Lucio Herrera!

A confusão foi geral.

A. BASTOS.

(Continúa.)

THEATROS

Estreiou-se no Lucinda uma companhia dramatica dirigida por Furtado Coelho, que nos agradecerá, certamente, não insistirmos sobre o seu drama de estreia, a *Victoria do Marechal*. Esperamos que o illustre actor-empresario emende a mão.

*

A empresa do Apollo conseguiu, *post tantos tantosque labores*, organizar uma excellente companhia, que inaugurou os seus trabalhos com a *reprise* da revista *Abacaxi!*, — cuja centesima representação acaba de ser entusiasticamente festejada.

*

Nos outros theatros nada de novo.

X. Y. Z.

Os numeros do *Album* só se encontram á venda na Livraria Lombaerts, rua dos Ourives n. 7, e na Livraria Moderna, do Sr. Domingos de Magalhães, rua do Ouvidor n. 54.